

# “Sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura”

A Associação do Porto de Paralisia Cerebral usa há 15 anos o teatro para “sensibilizar a sociedade para as capacidades das pessoas com deficiência”. Desta vez, aborda a violência de género

## Reportagem Ana Cristina Pereira

Têm paralisia cerebral, uma desordem neurológica que lhes afecta o controle da postura e dos movimentos. Não andam, nem falam, mas pensam, sentem. A lesão deixou intactas as áreas do cérebro responsáveis pelo pensamento e pela memória. Encantaram-se um com o outro. Comunicavam através de códigos alternativos, com recurso a intermediários. Um dia, zangaram-se. A rapariga deu um grito, o rapaz deu-lhe um estalo.

O episódio inspirou o trabalho que o colectivo Era Uma Vez ... Teatro apresenta hoje no auditório da Biblioteca Almeida Garrett, no Porto. A peça *Sou do Tamanho do que Vejo e Não do Tamanho da Minha Altura*, construída a partir de poemas de Fernando Pessoa, aborda a violência de género em contextos de grande deficiência.

A animadora Mónica Cunha, que assume o papel de encenadora, não tenta esconder as limitações de cada um. Serve-se delas para que se veja que vítima e agressor podem estar numa cadeira de rodas. “Olha-se para as pessoas com grande incapacidade motora como se não fossem mais nada. São mulheres e homens”, diz.

Há 15 anos que o grupo da Associação do Porto de Paralisia Cerebral junta utentes e funcionários no palco. Ensaia no auditório da Junta de Freguesia de Paranhos, no Porto, nas manhãs e nas tardes de segunda, terça e quarta, com o propósito de “sensibilizar a sociedade para as capacidades das pessoas com deficiência”.

“Estou a gostar de falar de violência contra as mulheres”, anunciou Jorge, um dos actores, no fim de um ensaio. “Gosto de representar. Vêm ver a peça de teatro e ficam todas admiradas. ‘Aquele rapaz está a fazer teatro! Não acredito!’ A minha personagem é um empresário. Tem muito dinheiro. É muito agressivo. Não gosta de mulheres.” Fazer teatro é uma forma



PAULO PIMENTA

“interessante de passar uma mensagem”, comentou, na mesma tarde, Miguel, outro actor. “O homem e a mulher são exactamente iguais, têm as mesmas capacidades, os mesmos direitos. Só o homem retrógrado pensa que é maior. Não é. Todos nós temos capacidades e incapacidades.”

Todos queriam expressar a sua opinião sobre um tema que sabem discutido, mas não neste contexto.

Embora alguns não falem, servem-se de tabelas ou tabuleiros com desenhos ou palavras para comunicar. Usando um capacete com um ponteiro, Paulo escolheu quatro palavras: homem, mulher, teatro, ajudar. Henrique apontou um símbolo que reforça o sentido de igualdade que acabara de ser dito.

“A pessoa, tendo ou não deficiência, tem valores, emoções, sentimentos”, resumiu Inês,

noutro ensaio. “Há muitas formas de violência. Eu posso não bater e dizer uma coisa qualquer que é muito violenta. As representações estão muito centradas na agressão física. Preconceito, para mim, é agressão.”

Talvez o preconceito comece logo na dificuldade de conceber a paixão ou o namoro entre pessoas com deficiência acentuada, como Inês, com uma paralisia que a força a circular numa cadeira de rodas, falar com dificuldade, precisar de ajuda para comer ou tomar banho. Até os familiares tendem a desincentivar ou proibir relações amorosas, observa Mónica Cunha.

Aqui, nada de novo. Ao longo dos séculos, a deficiência tem sido concebida de um modo estigmatizante, afirma Fernando Fontes, professor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que dedicou o mestrado e o doutoramento a esta área. “O corpo de uma pessoa com deficiência é pensado como um corpo que é incapaz, que não é atraente”.

Em Portugal, apurou, as organizações têm estado concentradas nas “questões mais

básicas, como o direito a uma vida decente”. Ainda não chegaram à fase dos afectos, da intimidade. O mesmo se poderá dizer da academia. Não há estudos sobre violência de género, sequer sobre relações amorosas.

Será preciso ver o todo. Em 2011, as forças de segurança registaram 28.980 denúncias de violência doméstica. Segundo a Direcção-Geral da Administração Interna, em 42% havia crianças ou jovens a assistir. As crianças com deficiências, lembra, “não estão numa redoma”. Também assistem e também correm o risco de repetir.

A peça, que estreou em 2010, foi a mais vista de sempre. Quiseram voltar a pegá-la. Apresentam-na hoje, às 14h30 e às 21h30.

No início, o Era Uma Vez ... Teatro tinha 30 membros. Agora, 14, nove dos quais com paralisia cerebral - uns utentes da residência, outros do centro de atendimento, acompanhamento e animação. “Estreamos dois espectáculos por ano”, enfatiza Mónica Cunha. “Fazemos a rota do teatro especial, que agora chamam teatro inclusivo.”

Como é que arranjam motivação para tantas horas de ensaios? Patrícia tem uma resposta, que dá através do sistema Bliss, uma tabela com um conjunto de signos gráficos que se podem combinar para formar palavras: gostar/amor; trabalho; dia/noite. “Quem gosta do que faz é capaz de trabalhar dia e noite”, traduz a terapeuta.

Para ela, fazer teatro não é ocupar tempo livre, por mais amador que o resultado possa parecer. Para ela, fazer teatro é tempo ocupado, como para qualquer profissional. Nada lhe dá mais prazer. E a avó, que dela cuidou quando ela era ainda muito pequena, morreu sem nunca a ver representar. “Ela faz umas coisas; agora, teatro não faz, não me minta”, respondia cada vez que Mónica Cunha a desafiava. Será outra forma de preconceito, como o que, por vezes, encontram quando saem para ver alguma peça, algum filme, algum concerto e alguém lhes diz que aquilo é impróprio para eles.



PAULO PIMENTA

“Homem e mulher são exactamente iguais, têm os mesmos direitos, as mesmas capacidades. Só o homem retrógrado pensa que é maior”